

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**LEITURA DE IMAGENS DOS LIVROS: “ONDA” E “UMA  
HISTÓRIA DE AMOR SEM PALAVRAS”.**

Por Julia Fortes dos Santos

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Guaracira Gouvêa

**Rio de Janeiro, Julho de 2013**

**Julia Fortes dos Santos**

**LEITURA DE IMAGENS DOS LIVROS: “ONDA” E “UMA  
HISTÓRIA DE AMOR SEM PALAVRAS”.**

Monografia apresentada como exigência final da disciplina

Monografia II do curso de Pedagogia da

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup> Guaracira Gouvêa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**LEITURA DE IMAGENS DOS LIVROS: “ONDA” E “UMA  
HISTÓRIA DE AMOR SEM PALAVRAS”.**

Julia Fortes dos Santos

Aprovada em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

**Profª. Drª. Guaracira Gouvêa  
Orientadora UNIRIO**

---

**Profº. Dr. Alberto Roiphe Bruno**

**Rio de Janeiro, 2013**

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço a Deus pela força, saúde e proteção. Gostaria de agradecer aos meus pais pelo apoio e incentivo. Muito obrigada também ao investimento que sempre fizeram/fazem em mim, pela confiança, credibilidade, respeito, educação, amor, enfim, por vocês estarem sempre ao meu lado. Mãe e pai vocês são a minha maior fonte de inspiração, com vocês aprendi que é muito importante sonhar, mais importante ainda é fazer os sonhos se transformarem em realidade.

As dificuldades existem; não se pode fazer que as mesmas sejam motivo de derrota e sim fazer delas trampolins que impulsionam para o sucesso. Aprendi muitos ensinamentos, valores, e mais do que aprender com as palavras de vocês, eu aprendi muito com as atitudes de vocês. Agradeço a minha irmã pela amizade, incentivo e apoio. Quero agradecer a minha avó e ao meu avô, que são pessoas muito especiais que não mais estão presentes fisicamente, mas que sempre fizeram parte da minha história, e foram, depois dos meus pais, os maiores incentivadores da educação, em nossas conversas enfatizavam a importância da boa formação, não somente para o mercado de trabalho como para a vida. Ao meu namorado eu agradeço pela força, ajuda e carinho.

Gostaria de agradecer também as pessoas com as quais fiz amizade no decorrer do curso e contribuíram de alguma forma para a minha formação.

## **RESUMO:**

Esta monografia aborda a leitura de imagens a partir da análise de dois livros constituídos por imagens. Assim como é essencial a alfabetização, isto é, a leitura do texto escrito, faz-se fundamental a educação do olhar, ou seja, a leitura do texto visual; afinal, vivemos rodeados por várias imagens. Por meio de algumas categorias criadas por Manguel, como a imagem como narrativa, a imagem como enigma e a imagem como memória, foi realizada a análise das obras visuais: "Onda", de Suzy Lee, e "Uma história de amor sem palavras", de Rui de Oliveira. Algumas imagens dos livros foram selecionadas, cujas funções não eram apenas de exemplificação. Da leitura das imagens pode-se considerar que para fazer a leitura de palavras desenvolve-se uma técnica, ou seja, é necessário ser alfabetizado. Na leitura de imagens é fundamental que haja a educação do olhar. Assim como na leitura do texto escrito, para realizar a leitura das imagens existem regras, essas são socialmente construídas e compartilhadas.

Palavras-chave: leitura; imagem; livro de imagem.

## **SUMÁRIO:**

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I:.....	12
1.1 METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO II: AUTORES E SUAS OBRAS.....	19
2.1 POSSIBILIDADE DE CONTAÇÃO DA HISTÓRIA.....	24
CAPÍTULO III:.....	26
CONSIDERAÇÕES:.....	29
REFERÊNCIAS :.....	31

Na realidade, todo leitor lê a si mesmo. A obra não passa de instrumento óptico usado para discernir o que, sem ela, o leitor não teria certamente distinguido em si.

Marcel Proust

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu do incômodo do fato de vivermos em um mundo repleto de imagens, porém pouco se discute sobre a leitura da imagem. Fala-se muito acerca da leitura do texto escrito, da alfabetização para o texto escrito, mas é preciso ressaltar que somos rodeados por imagens, sejam elas utilizadas para vender, entreter, informar, enfim cada qual com seu papel, carregando mensagens, conceitos, idéias, valores, sendo assim, é essencial que as pessoas saibam ler as imagens.

Em um primeiro momento, para desenvolver a temática "leitura de imagens" pensou-se na realização de uma oficina e/ou um questionário, com a intenção de saber qual é a relação do estudante do curso de Pedagogia, da universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com a imagem. Entretanto, após ter a disciplina de Literatura na escola, o foco desta pesquisa sofreu modificação. O professor de Literatura na escola mostrou à turma livros de imagens, o que despertou muito interesse, e fez com que ocorresse mudança no foco da pesquisa, para o livro de imagem.

A presente monografia tem como proposta problematizar a leitura de imagem a partir da análise de livro de imagem, utilizando categorias criadas por Manguel. A intenção é que tal monografia seja um acréscimo, uma referência a mais no universo da leitura de livros de imagens; buscando apresentar este novo material, que poucas pessoas conhecem, mas que deveriam conhecer. Tem como meta expor a temática não somente para os educadores, como para todos os indivíduos que tiverem interesse.

Discutir o tema leitura é de extrema importância, pelo fato de muitos professores ainda realizarem a prática da alfabetização de modo a ensinar as crianças a lerem de modo mecânico, neste caso ler denota decodificar as palavras; tem metodologia tradicional, centrada no professor, este último transmite os conhecimentos ao aluno, como se a criança nada soubesse. Segundo Martins:

Os estudos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores; que, para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação, mas uma vez propostas instruções uniformizadas, elas não raro causam mais confusão do que auxiliam (1994, p.12).

É primordial que os professores tenham em mente o pensamento de Paulo Freire (1986), que diz que a criança faz a leitura do mundo em que vive, antes mesmo de fazer a leitura da palavra, e é preciso respeitar às falas e saberes da mesma.

Ler não é decodificar as letras, as palavras, os signos lingüísticos; trata-se de atribuir sentido ao texto, a imagem, compreender a mensagem, a informação que está sendo passada. Assim como na leitura do texto escrito no qual a pessoa só aprende a ler lendo, na leitura da imagem é preciso que a pessoa exercite sua leitura, isto é, leia as imagens, só assim aprende o que está contido nela.

Conforme Silva (2010), num sentido amplo, o ato de ler corresponde ao processo de apreensão da realidade, que cerca o indivíduo, através da interpretação das variadas linguagens, tais como uma charge ou os sinais empregados na comunicação com surdo. O ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através da leitura de um texto verbal escrito. Assim como há alfabetização das letras, das palavras, deveria existir alfabetização da imagem, deste modo poderíamos exercitar tal leitura, e compreender melhor as imagens presentes em nosso cotidiano. Sardelich (2006) diz que o aumento do interesse pelo visual tem levado historiadores, antropólogos, educadores a abordarem o tema imagem e sobre a importância de uma alfabetização visual, por meio da leitura de imagens e da cultura visual.

Os primeiros livros ilustrados surgiram na época do Império Romano, estes eram destinados ao público infantil. Devido à evolução da indústria gráfica e do conceito de infância o livro ilustrado passou por modificações ao longo da história.

Philippe Ariès aborda sobre três momentos da história no qual apresentam diferentes concepções no que se refere à infância. Na Antiguidade, a criança era vista e tratada como um adulto em miniatura, não havia uma diferença entre o universo adulto e o universo infantil. Entre o século XIII ao XVIII, aconteceu uma mudança na concepção em relação à infância, a criança não mais faz parte do mundo adulto, passa a freqüentar a escola. Do século XVIII à atualidade, a imagem da criança começa a ser associada com seres puros e divinos, sendo assim, ela passa a ocupar o lugar central da família.

As pessoas começam a ter acesso às imagens desde cedo, antes de entrarem no universo das letras, na infância as crianças assistem a desenhos animados, antes de

serem alfabetizadas, ao folhear um livro infantil as crianças se detêm as imagens, vêm imagens no computador, no celular, no vídeo-game, enfim, as crianças vivem cercadas por imagens. Assim como os indivíduos não nascem sabendo ler texto escrito, não nascem também sabendo ler imagens e ao fazer a leitura de uma imagem as pessoas relacionam com outras imagens e com o conhecimento que carregam sobre ela.

No começo o livro apresentava poucas imagens, pois existia limitação técnica, havia um predomínio do texto escrito. No decorrer do século XVI até a Revolução industrial ocorreram transformações referentes às técnicas, surgiram técnicas como xilogravura, talho-doce, litografia entre outros, chegando a impressão off-set no começo do século XX. As imagens do livro foram conquistando espaço e importância, ficaram mais coloridas, se articulavam com o texto.

Há livros que são formados por imagens, e essas imagens têm relações entre si. Juntas formam um significado, uma narrativa composta por um texto visual. Segundo Ligia Cademartori(2007, p.3), existem dois tipos de elementos que constituem o texto visual. Os elementos plásticos, como a luz, cor, forma, linha, sombra, enquadramento, são maneiras de expressar a representação artística e os elementos narrativos, como a descrição de uma cena ou um personagem, podendo narrar uma ou mais histórias, referem-se ao que as imagens representam.

Há livros de imagens que são narrativas seqüenciais e completas, entretanto, outros não seguem este formato. Conforme Camargo:

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço (1995, p.79).

De acordo com Abramovich:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor, e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo... (1997, p.33)

Existe a idéia de que o livro de imagem destina-se à criança e ao adulto, este último mostra o livro à criança. Teresa Colomber (1996), afirma em um artigo, que muitos livros de imagem apresentam referências que ficam subentendidas e são pertencentes ao universo cultural do adulto, leva em conta o fato de o adulto ser o mediador da leitura do livro.

O livro de imagens conta as histórias por meio da linguagem visual, este é lúdico e faz com que a criança reconheça o mundo no qual está inserida. Coelho afirma que esse tipo de livro é um:

Processo lúdico de leitura que, na mente infantil, une os dois mundos em que ela precisa aprender a viver: o mundo real-concreto à sua volta e o mundo da linguagem, no qual o real-concreto precisa ser nomeado para existir definitivamente e reconhecido por todos (2000, p.161).

O livro de imagem deve: estimular a imaginação da criança, a linguagem deve ser apropriada ao universo da criança, tanto no formato quanto no modo de se apresentar a linguagem, as ilustrações devem fugir de esteriótipos (FURNARI, 2003).

Zilberman (2005), diz que ao ler um livro de imagem, o leitor é o responsável por modificar a história narrada por meio de imagens em palavras, transformando a linguagem visual em linguagem verbal.

Quando a criança ainda não aprendeu a ler, e o adulto lê para a mesma um livro com texto escrito/imagético, pode-se observar a importância da imagem, pois é através da mesma que a criança conta para alguém a história, por meio das imagens ela se orienta e conta a história na ordem cronológica da narrativa.

O inglês Peter Hunt (2010) comenta a respeito do livro de imagem, em *Crítica, teoria e literatura infantil* (Cosac Naify), é um gênero que tanto no conteúdo quanto no suporte está sempre experimentando, inovando, possui formatos inusitados; distintas técnicas de desenho, os recursos visuais possibilitam a elaboração de narrativas não lineares, proporcionando muitas interpretações.

A imagem tem caráter de intertexto, a intertextualidade é como um diálogo entre os textos, o intertexto só funciona quando o leitor consegue perceber a referência que o autor faz a outras obras. Ao ver uma imagem faz-se ligação desta com outras imagens,

textos escritos, sons, de acordo com os saberes, dados que se tem. Além disso, apresenta também caráter polissêmico.

Durante o processo de leitura da bibliografia surgiu o questionamento: é possível estabelecer um “sistema coerente”, uma técnica para a leitura de imagem, assim como acontece com a leitura do texto escrito?

# CAPÍTULO I

## LEITURA DE IMAGENS .

Antes de analisar os livros de imagem é primordial entender acerca da leitura de imagem. É necessário compreender o que é imagem, o que é leitura e o que é leitura de imagem. No dicionário o verbete imagem tem o seguinte significado:

1.Representação de pessoa, coisa,etc. por desenho, pintura, escultura e outros processos. 2. Representação mental. 3. Visão do objeto pela utilização de espelho, lente ou outro sistema óptico (BUSCATO & GARCIA & PELACHIN, 1996, p.341).

A palavra imagem apresenta diferentes sentidos, leva as pessoas a pensarem nas pinturas, gravuras, fotografias, filmes, entre outras. Pode também ter o sentido de imagem mental, por exemplo, ao ler ou ouvir uma narrativa, muitas vezes cria-se imagens na mente, referente ao conteúdo lido ou ouvido.

A imagem pode ser considerada representação de uma coisa e por extensão representação mental de algo percebido pelos sentidos. Imago, do latim, as imagens estão associadas à sombra, figura, imitação ou representação figurada relacionada a um objeto, seu referente, por sua analogia ou por sua semelhança perceptiva.

Conforme Manguel (2001), as imagens, assim como as histórias, nos informam (2001). As pessoas não pensam sem haver uma imagem mental, imagens que são registradas pela visão, imagens cuja denotação varia, formando um modo de comunicação por meio das imagens que são transformadas em palavras e de palavras transformadas em imagens. Tanto as imagens quanto as palavras compõem os seres humanos. Cada indivíduo apresenta seu universo, e este é composto por imagens, como símbolos, sinais, mensagens, enfim, pensamentos.

Em muitas situações, a imagem é tratada como se não comunicasse por si só, e possuísse apenas caráter meramente ilustrativo, como se informasse somente na presença de um texto escrito. A imagem pode até ser usada como ilustração, porém, essa também tem função educativa, ela contribui para o aprendizado.

Chalmel comenta que uma das funções da imagem é ser fonte de saberes em práticas educativas.

Publicado em 1685, em Nuremberg, o “Mundo sensível ilustrado” (*Orbissensualium pictus*) é o primeiro livro escolar em que a imagem desempenha um papel fundamental na aquisição do saber. Pela primeira vez, mais que o texto, a imagem é fonte de conhecimentos. Esse livro representa o auxiliar indispensável para substituir muitos elementos do mundo sensível que o pedagogo não pode levar à sala de aula. A imagem parece assim o paliativo privilegiado quando não se pode pôr o aluno em situação de manipular diretamente um objeto a ser compreendido ou simplesmente nomeado; essa iniciação ao mundo real pela imagem é necessária se aceitarmos a teoria comeniana da aprendizagem segundo a qual o sensível é inseparável do intelectual, o conceito da imagem e o objeto real da palavra que o descreve. (Chalmel, 2004, p.67).

Ao olhar uma imagem observa-se o todo, determinados detalhes passam despercebidos. De acordo com Manguel:

Com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independentemente do tempo que reservamos para contemplá-la...(2001, p.25).

Bacon (1986) mencionou que o homem consegue ver somente algo que de alguma forma já viu antes. Isto é, quando o indivíduo olha uma imagem, se o mesmo possui alguma imagem mental que possa ter relação com a imagem que está sendo vista ele de fato a vê.

Para Barthes (1990), toda imagem é polissêmica e pressupõe uma “cadeia flutuante de significados” ficando a critério do leitor, optar por alguns ignorando os outros possíveis ao autor. Segundo Barthes, toda representação iconográfica tem seu referente no mundo real. Em relação às representações imagéticas, essas podem se aproximar mais ou menos de seu referente real. A fotografia é um exemplo de representação imagética que mais se aproxima do real; mesmo tendo proximidade, há modificação do real, levando a outra conotação.

Antes de existir a escrita, os povos interagiam, comunicavam por meio da imagem, esta era suficiente no cumprimento das funções simbólicas. A sociedade

moderna nomeia de pré-história o período anterior à invenção da escrita. Tal acontecimento mostra a relevância que a civilização ocidental concede à escrita.

No que se refere ao vocábulo leitura, este apresenta a seguinte denotação:

1. Ação ou efeito de ler. 2. O que se lê. 3. Hábito ou arte de ler (BUSCATO & GARCIA & PELACHIN, 1996, p.385).

A ação de ler relaciona-se com a escrita, e a pessoa que lê como decifrador da leitura. Somente é necessário decodificar os vocábulos para ocorrer de fato à leitura?

Ler significa elucidar-se do mundo, assim como também um modo de conquistar autonomia, de não mais ler pelos olhos de “outrem”. (MARTINS, 1994).

A leitura não é apenas um meio de decifrar, silabar e oralizar palavras, deve ser um modo de desenvolver seu hábito, fazendo com que as crianças sejam leitoras assíduas, que gostam e saibam ler, pois o aprendizado não é regido por meio de imposições (CARDOSO & PELOZO, 2007). É também um processo historicamente determinado, no qual agrega e expressa os anseios da sociedade.

Durante os primeiros anos de escolarização o educando precisa ser incentivado a ler. O professor e a família são responsáveis por estimular a leitura, de modo a levar a criança a ser um leitor autônomo, e possa ter uma formação crítica e reflexiva. É fundamental que à criança tenha acesso a leitura de livro infantil tanto na escola quanto em casa. De acordo com Jolibert, (1994, p.129):

É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando-os a dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois da virada.

É preciso ressaltar que a criança aprende a ler antes de entrar na escola, nas situações que vivencia em seu dia-a-dia. Reafirmando, a criança faz a leitura do mundo em que vive antes mesmo de fazer a leitura da palavra.

As pesquisas realizadas acerca da leitura consideram essencialmente a leitura do texto escrito, mas vivemos em um mundo imagético, onde a leitura de imagens é fundamental para adquirirmos conhecimentos, e em muitos casos entender melhor a informação que está presente no texto escrito.

O termo leitura de imagens surgiu na área de comunicação e artes no final da década de 1970, com o auge dos sistemas audiovisuais. Sofreu influência do formalismo, fundamentado na teoria da Gestalt, e pela semiótica. Gestalt denota psicologia da forma, na mesma a imagem constitui percepção, já que toda experiência estética, tanto produzida quanto recebida, supõe um processo perceptivo. A percepção, neste caso, é tida como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida, (SARDELICH, 2006).

A leitura de imagem, de tendência formalista, como dito anteriormente, tem como fundamento a “racionalidade” perceptiva e comunicativa que explica a utilização e desenvolvimento da linguagem visual para tornar mais fácil a comunicação. No ambiente escolar essa prática era geralmente designada aos professores de arte, mas não foi predominante entre eles. Há diferentes formas de racionalidade, a racionalidade cultural na qual o fenômeno artístico é entendido como manifestação cultural, e os artistas são vistos como os responsáveis por elaborarem as representações contidas de significados para cada época e cultura, esta se encontra nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde o objeto artístico, no caso a imagem, é tida como produção cultural, documento do imaginário humano, de sua historicidade e de sua diversidade.

Rossi (2003) critica a abordagem formalista de leitura ligada à estética, presente na aula de arte no Brasil, esta prejudica a educação básica, pois, são feitas perguntas preestabelecidas que não levam em consideração o conhecimento que o leitor já possui acerca do conteúdo.

Quando a pessoa lê imagens, sejam essas pintadas, esculpidas, fotografadas, entre outras, concede a elas a marca temporal da narrativa. A imagem fica limitada em um espaço, seja por uma moldura, uma margem, mas torna-se ampla quando ao olhar uma imagem a pessoa dialoga esta com imagens de outros tempos, de outras culturas. O homem tem um patrimônio de imagens reproduzidas que fica a sua disposição na página e na tela. Maltraux nomeou isto de “museu imaginário”. Manguel disse que:

A imagem de uma obra de arte existe em algum local entre percepções: entre aquela que o pintor imaginou e aquela que o pintor pôs na tela; entre aquela que podemos nomear e aquela que os contemporâneos do pintor podiam nomear; entre aquilo que lembramos e aquilo que aprendemos; entre o vocabulário comum, adquirido, de um mundo social, e um vocabulário mais profundo, de símbolos ancestrais e secretos. Quando tentamos

ler uma pintura, ela pode nos parecer perdida em um abismo de incompreensão ou, se preferirmos, em um vasto abismo que é uma terra de ninguém, feito de interpretações múltiplas. O crítico pode resgatar uma obra de arte até o ponto da reencarnação; o artista pode repudiar uma obra de arte até o ponto da destruição (2001, p. 29).

As leituras críticas sempre estiveram ao lado das imagens, mas essas não copiam, não tomam o lugar, e muito menos se apropriam das imagens. Michael Baxandall (2001), historiador da arte, afirmou que as imagens não são explicadas pelos indivíduos, os comentários referentes às imagens que são explicados.

Em nossa cultura muito é falado sobre a leitura do texto escrito, tanto é que a própria palavra leitura sugere que seja de texto escrito. Em uma disciplina do curso de Pedagogia, uma discente do penúltimo período questionou a professora: “Como eu falo: olhar imagem? Ou ler imagem?” Existem poucas fontes bibliográficas que abordem o tema leitura de imagem. É muito importante falar sobre a leitura de imagem, nunca se comunicou/assistiu tantas imagens como acontece nos dias de hoje a preferência nacional é assistir televisão, ficar na internet, a leitura de livros está diminuindo com o passar dos anos, com o surgimento de novas tecnologias.

As imagens apresentam elementos que permitem leituras complexas. A leitura de tais é influenciada por princípios que organizam possibilidades de representação e denotação em uma determinada cultura. Assim como o texto escrito, a leitura de imagens não se limita a leitura de signos, sendo fundamental aprender a fazer leitura das imagens.

A leitura do texto verbal e do texto imagético presume uma “educação do olhar”. De acordo com Mauad:

Percepção e interpretação são faces de um mesmo olhar. Existem regras de leitura dos textos visuais que são compartilhadas pela comunidade de leitores. Tais regras não são geradas espontaneamente; na verdade, resultam de uma disputa pelo significado adequado às representações culturais. Sendo assim, sua aplicação por parte dos leitores/destinatários envolve, também, a situação de recepção de textos visuais (2008, p.39).

Ao olhar uma imagem cada pessoa designa determinados sentidos à mesma, tais sentidos são socialmente construídos. Para Barthes (1990), a imagem pode apresentar sentidos distintos para diferentes leitores, pois cada leitor tem suas próprias experiências

que antecedem ao contato dele com a imagem, e seu modo de relacionar/ver o mundo. Por isso a imagem é tida como polissêmica, quando produzida e vista, acontece à seleção de alguns sentidos em detrimento de outros.

Ao deparar-se com uma imagem cada indivíduo a interpreta a sua maneira, e esse modo varia de acordo com a cultura a qual a pessoa está inserida, com os registros que estão armazenados em sua mente, esses podem ser sons, textos escritos, entre outros, as relações que podem surgir dos registros mentais com o que está vendo, e com sua leitura de mundo.

## **1.1 METODOLOGIA**

O trabalho teve início com o levantamento bibliográfico a respeito de leitura de imagens. Foi constatado que existe pouco material sobre o assunto, então se optou por estudar os desdobramentos: leitura, imagem e leitura de imagem. Além disso, chegou-se à conclusão que para compreender o todo (leitura de imagem), seria preciso entender as partes (leitura e imagem).

Após ter aulas da disciplina Literatura na escola, ministradas pelo professor Alberto Roiphe, onde acontecia a apresentação de uma grande diversidade de livros, dentre esses os livros de imagens surgiu o interesse de dialogar com o tema. Por meio da exibição desses livros surgiu a idéia de recortar o tema leitura de imagens para livro de imagens.

A escolha do tema não é uma tarefa difícil, pelo fato de em muitos casos, incluindo o desta monografia, ser levado em consideração o critério afinidade. O complicado é fazer um recorte do tema, isto é, dentre uma grande extensão de assunto, diga-se o todo, reduzir em partes e delimitar uma dessas partes que será o objeto de pesquisa; a posteriori aprofundar o estudo desse objeto.

Então, pensou-se em não somente abordar sobre o livro de imagem, como também analisá-lo. Mas como seria essa análise? Seria necessário utilizar categorias. Mas quais categorias? A professora/orientadora Guaracira Gouvêa indicou o livro "Lendo imagens" de Alberto Manguel, disse que o mesmo apresentava categorias de análise de imagens, e essas poderiam ser utilizadas na monografia. Gouvêa indicou também o livro "O óbvio e o obtuso".

Portanto, os livros base desta pesquisa são "O óbvio e o Obtuso" de Roland Barthes, e principalmente, como dito anteriormente "Lendo imagens", de Alberto Manguel. A principal fonte de saberes no que se refere ao tema foram os artigos. Através das categorias elaboradas por Manguel será feita a análise dos livros "Onda" e "Uma história de amor sem palavras".

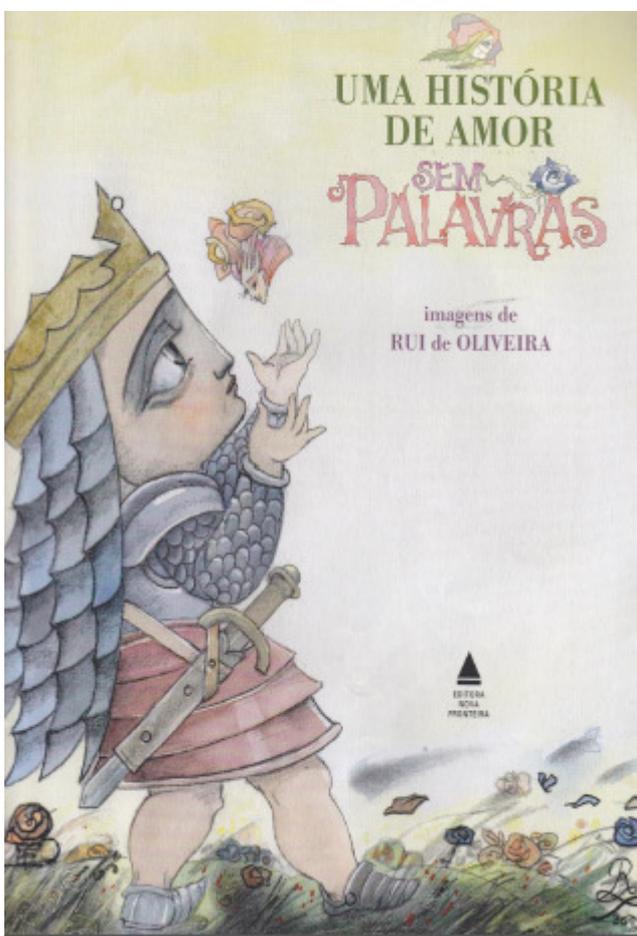
Além de haver poucas referências que tratam sobre leitura de imagem, houve dificuldade em encontrar os livros "Lendo imagens" e o "Óbvio e o Obtuso". Em relação aos livros de imagem também foi difícil encontrá-los, ao chegar à livraria o primeiro obstáculo era saber em qual seção estes livros estariam, nas livrarias visitadas tais livros ficavam na seção de literatura infantil.

Colomber afirma que os livros de imagem são destinados a criança e ao adulto, mas esses livros ainda são vistos por muitas pessoas como se fossem destinados exclusivamente para as crianças. O que comprova tal afirmação é o fato dessas obras de imagens em muitas livrarias, diga-se de passagem, em todas as visitadas nesta pesquisa, localizarem-se na seção de literatura infantil. De acordo com Cadernatori, o livro visual aparece como uma possibilidade enriquecedora de leitura para as crianças que ainda não lêem o código escrito (2006).

## CAPÍTULO II

### AUTORES E SUAS OBRAS .

A partir das categorias criadas por Manguel, acontecerá a análise de dois livros de imagens. Trata-se das obras: "Uma história de amor sem palavras", de Rui de Oliveira, e "Onda", de Suzy Lee. As categorias escolhidas para analisar os dois livros foram: a imagem como narrativa, a imagem como enigma e a imagem como memória.

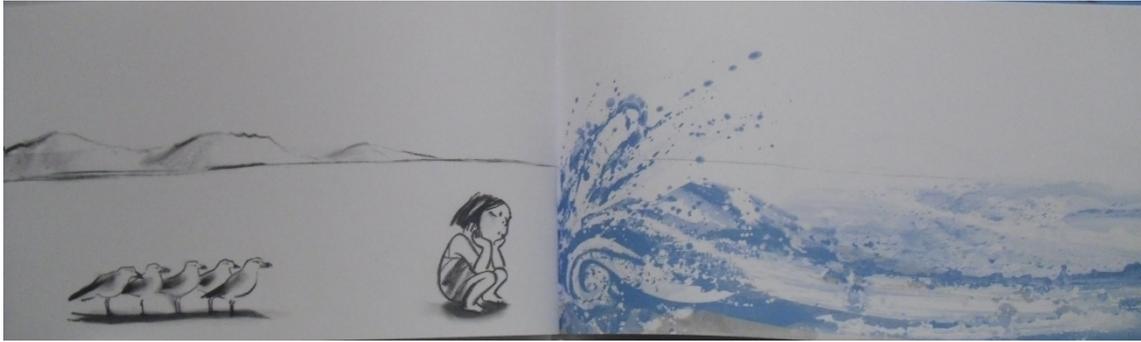




Ao analisar uma obra é importante conhecer o autor da mesma, na contra capa do livro "Uma história de amor sem palavras" aparecem algumas informações sobre Oliveira. Rui de Oliveira é brasileiro, estudou pintura, artes gráficas, ilustração, comunicação e estética no Brasil e no exterior. Foi diretor de arte da TV Globo e da TV Educativa, criou a abertura do Sítio do Picapau Amarelo na década de 1970; fez ilustração de mais de cem livros, elaborou mais de quatrocentas capas; ganhou 18 prêmios nacionais e internacionais; expôs suas ilustrações em muitos países do mundo; também teve êxito no cinema de animação, recebeu vários prêmios. É autor de literatura infantil premiado pela Academia Brasileira de Letras, na qual teve suas ilustrações expostas em 2005.

Oliveira já foi indicado duas vezes pela FNLIJ ao prêmio Hans Christian Andersen de ilustração patrocinado pelo International Board on Books for Young People (IBBY). Além disso, é professor há 25 anos no curso de desenho industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Suzy Lee nasceu na Coreia do Sul. Estudou pintura na Universidade Nacional de Seul. Fez mestrado em Artes Livro, Camberwell College of Arts, em Londres. Foi selecionada como melhor ilustradora de livros para crianças, em 2010, pelo The New York Times. Seus livros tem tido repercussão internacional, recebeu prêmios no Brasil, na Espanha, nos EUA. De acordo com a editora Cosac Naif (2012), no livro Onda, Lee faz uso da “espinha” do livro, isto é, de onde é feita a costura das páginas, como uma linha visível e invisível, entre o real e o imaginário, com isso permite que os componentes físicos do objeto façam parte da história.



página 7 e 8

Em uma entrevista, Lee disse que tem uma tendência a pensar de forma visual. Em muitos casos a história surge em sua mente, primeiro como uma imagem, e quando começa a fazer a história, as imagens a conduzem e não é necessário acrescentar palavras. Em contra partida, Oliveira pensa que o texto é a origem de tudo.



página 1 e 2

O livro "Uma história de amor sem palavras" narra por meio de elementos da fantasia, da magia, o tema clássico do amor cortês, sentimento que data da Idade Média e se caracteriza pela fiel devoção do homem à mulher amada. O protagonista da história sai em busca dos três signos mágicos (estrela, lua e sol) que o levariam a sua amada. Os três signos juntos compõem a declaração de amor: eu te amo. No decorrer de sua busca seres fantásticos e sábios o ajudam a encontrar seu amor (OLIVEIRA, 2009).



Página 6 e 7

Já o livro "Onda" exhibe ao longo de suas páginas a história de uma menina que conversa, brinca e até “tira uma onda” na praia (LEE, 2008).



página 16

As ilustrações do livro de Oliveira foram feitas à mão pelo autor, com lápis crayon e tinta acrílica aquarelada em papel vergê. Lee usou poucos traços de carvão em seu livro, utiliza poucas cores, apenas azul, preto e branco.

Observa-se que na obra "Onda" a imagem não é interrompida pela margem, ou melhor, a autora continua o traço do desenho. A princípio pode-se pensar que como se a margem não existisse ou ao menos não atrapalhasse na composição da cena. Na realidade a margem faz parte da cena.



página 11 e 12

Diferentemente de muitos autores, Lee utiliza a margem na cena, isto é, a margem não interrompe a imagem. A ilustradora elaborou também as obras "Espelho" e a "Sombra" que compõem a "trilogia da margem".

Cada livro, "Onda" e "Uma história de amor sem palavras", despertam sensações/sentimentos distintos. Ao folhear o livro "Onda" o sentimento de alegria vem à tona, vontade de saber mais a respeito da personagem da história, um dos motivos é porque ela encanta por ser muito expressiva, sua alegria é contagiante. Por meio de traços simples de desenho, sombra, e poucas cores a autora consegue despertar o interesse do leitor. Tal livro possui uma estética muito agradável, bonita de se ver.



página 31 e 32

A obra "Uma história de amor sem palavras" assusta um pouco devido ao fato de os personagens não serem agradáveis, esteticamente falando. O sentimento de tristeza é transmitido pelo olhar do personagem principal. Mas o que chama a atenção do leitor é a imprevisibilidade da história, e o fato de os seres presentes terem aparência que remete ao sonho, ao mundo da fantasia.



página 12 e 13

## **2.1 POSSIBILIDADE DE CONTAÇÃO DA HISTÓRIA**

Pelo fato de a cultura brasileira, como muitas outras, valorizar a leitura de textos escritos, pode parecer difícil colocar em prática a leitura de imagens. Ao trabalhar com livros de imagem, surge a questão: Como contar as histórias desses livros para as crianças?

Existem possibilidades de se contar essas histórias, esta monografia exhibe como proposta que o educador pode primeiramente mostrar as imagens do livro sem falar nada, deve despertar a imaginação da criança, em uma segunda leitura, o educador pode agir como mediador e contar a história de acordo com sua interpretação, para finalizá-lo, pode pedir que cada criança conte a história de acordo com sua imaginação, sua interpretação. O educador pode ainda pedir aos educandos que transcrevam as imagens em palavras, criem a sua história escrita a partir das imagens do livro.

Realizar este tipo de atividade impulsiona a imaginação, criatividade, desenvolve a habilidade da leitura de imagem e da escrita. Além disso, quando o educador atua como mediador age como se fosse uma ponte entre o educando e os saberes, metaforicamente falando.

É primordial que o educador estimule na criança a manifestação da expressão lúdica. De acordo com Alves (1984), o lúdico proporciona alegria nos espaços em que se faz presente, ao mesmo tempo em que possibilita a esperança de liberdade para o mundo todo, sugerindo que também existem possibilidades para a vida humana. Rubem Alves (2001) e Kishimoto (1999) pensam que o lúdico é a manifestação da cultura humana na perspectiva da própria continuidade da espécie. O lúdico é fundamental no desenvolvimento infantil, pelo fato de ser a condição primeira a formação integral do indivíduo, sendo indispensável ao processo de socialização e interação.

Aplicar o lúdico a prática pedagógica contribui para o aprendizado da criança, além disso, possibilita ao educador tornar suas aulas mais dinâmicas e prazerosas. A educação tem como papel formar pessoas críticas e criativas, que criem, inventem, descubram, que sejam capazes de construir e reconstruir o conhecimento. Com isso, faz-se importante que o educador estimule o lado ativo da criança, a curiosidade, explorar essa curiosidade, elaborar atividades criativas que despertem o interesse da criança.

## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DOS LIVROS .**

O livro "Onda" tem 36 páginas, como dito anteriormente apresenta as cores azul, preto e branco, cada duas páginas compõem uma cena. "Uma história de amor sem palavras" tem 24 páginas, as imagens são coloridas, mas há predominância do azul e do amarelo, cada página retrata uma cena, apenas algumas cenas são compostas por duas páginas.

Manguel afirma que a imagem dá origem a uma história, e esta última dá origem a uma imagem. O vocabulário que cada sujeito faz uso para desvendar a narrativa de uma imagem é determinado pela iconografia mundial, por acontecimentos sociais e do âmbito individual. Cada pessoa constrói sua própria narrativa, através de outras narrativas, por meio de saberes técnicos, históricos, através das fofocas, dos preconceitos, entre outros. Vale ressaltar que nenhuma narrativa que surge a partir de uma imagem é definitiva ou exclusiva.

Apesar de a obra se chamar "Uma história de amor sem palavras" na primeira página há presença de palavras, na realidade de uma frase, trata-se da apresentação de um personagem, e para explicar que os símbolos sol, estrela e lua são palavras mágicas. Ler as imagens deste livro, entender a narrativa é complicado pelo fato de as figuras, personagens, enfim, das imagens serem diferentes das convencionais. Os personagens parecem ser oriundos de sonhos, a primeira vista causam estranhamento por não apresentarem beleza, serem "bizarros", isto é, esquisitos.

Os seres presentes na obra de Oliveira são exóticos, levam o leitor a uma miríade de significados, e ao interpretar, pode compreender de modo diferente da intenção pensada pelo autor, apesar disso, a narrativa dessa história é mais delimitada. Em contra partida, o livro de Lee é uma narrativa que possibilita uma variedade maior de interpretações, não pelos personagens, e sim pela história em si.

O cenário da "Onda" não muda, em quase todas as páginas há as montanhas no fundo, que compõem a linha do horizonte, as aves, a menina e o mar. O que se modifica ao longo da história são os movimentos das aves, do mar e principalmente da menina.



página 5 e 6

"Uma história de amor sem palavras" possui uma miríade de paisagens, é uma história muito dinâmica, em especial por parte dos vários ambientes que o protagonista percorre, dando a idéia de movimento constante na narrativa.

Há imagens que funcionam como uma palavra secreta, um verdadeiro enigma, onde o leitor precisa desvendá-las. Existem imagens que são comuns, habituais para muitas pessoas, e ficam "presas"/restritas a determinados significados, entretanto, em contextos diferentes podem ser usadas como símbolos, ocorrendo modificação do(s) significado(s), tornando-se em muitos casos enigmáticas. As imagens apresentam uma multiplicidade de sentidos, que são ou podem parecer contraditórias.

O enigma presente no livro "Uma história de amor sem palavras" são as três imagens sol, lua e estrela, essas compõem um símbolo, um sentido, onde o leitor precisa descobrir o significado. Os seres que aparecem no decorrer da história também são enigmas. As duas obras analisadas são enigmas, pelo fato de ser preciso compreender as imagens, para então construir a narrativa, sendo que cada leitor interpreta da sua forma.

Em relação ao personagem principal de "Uma história de amor sem palavras", sua vestimenta dá uma idéia ao leitor da época cronológica em que ele vive, ele usa armadura de ferro, faz referência à Idade Média. No livro "Onda", por meio dos traços físicos, como cabelo muito liso e olhos puxados o leitor pode imaginar que talvez seja uma menina de origem asiática.

Ao abordar a categoria imagem como memória Manguel refere-se muito a monumento, este se destina a transmitir, perpetuar a lembrança de alguém ou algum acontecimento. As imagens também cumprem a função de manter viva a memória de pessoas ou fatos. Tanto o monumento quanto a imagem deve funcionar como um

diálogo constante, com objetivo de afirmar, questionar, lembrar e informar. Conforme Manguel:

Para tornar-se uma imagem que nos permita uma leitura iluminadora uma obra deve forçar a um compromisso, a um confronto, oferecer uma epifania, ou ao menos um lugar para dialogar (2001, p.286).

Ao criar um livro de imagem ou qualquer outro livro, enfim, quando alguém quer comunicar algo, este sujeito faz uso de sua memória para elaborar seu feito, articula com outras imagens, textos e tem sua respectiva intenção, mas a interpretação realizada por um indivíduo pode ser diferente da intenção pensada pelo autor.

Cada livro traz mensagens. Fazendo interpretação da obra de Oliveira, essa traz a idéia da persistência. Quando a pessoa tem objetivos, é preciso criar metas para alcançá-los; mostra a importância que o amor tem na vida de uma pessoa. O livro de Lee comunica a respeito de como as coisas mais simples são fundamentais na vida; o ser humano deve se vê como parte integrante da natureza, viver em uma relação harmônica com ela; que a vida pode ser como um mar, há momentos em que parece que tudo está parado, estático, nos quais a pessoa fica ansiosa, esperando algo acontecer, em outros há agitação, muito movimento, o indivíduo fica preocupado, com medo de não conseguir corresponder a demanda, enfim, a vida é feita de momentos estáticos, dinâmicos, ou até muito acelerado; bons, mais ou menos ou ruins. O sujeito pode até cair mas o importante é levantar, mais do que isso é o como ele vai se levantar, encarar a vida e aprender a lidar com seus sentimentos. A partir desses vários sentidos atribuídos às imagens dos livros "Onda" e "Uma história de amor sem palavras" as histórias são construídas e ficam na memória.

Pode-se notar que o livro "Uma história de amor sem palavras" não apresenta tanta polissemia em sua narrativa, já "Onda" possui grande polissemia em sua história, o que permite uma maior variedade de interpretações.

Os livros de imagem mantêm viva a mensagem que o autor (a) quis passar, registra por meio de imagens a narrativa. Esses livros assim como outros, retomando a idéia de Manguel, funcionam como um monumento, eternizando a história. Quando uma pessoa lê um livro, vê uma imagem, escuta um som, entre outros e esses, por algum motivo chamam atenção, ela guarda na memória. Ao ler, ver ou escutar algo que para o indivíduo tenha relação com o que foi lido, por exemplo, nos livros: "Onda" e

"Uma história de amor sem palavras", o leitor buscará na memória as imagens das obras e articulará, fará associações com outras leituras, imagens, sons, entre outros.

## CONSIDERAÇÕES

Abordar leitura de imagem, mais especificamente a respeito de livro de imagem não é fácil devido à escassez de material bibliográfico. Após as leituras referentes ao assunto e, ao começar a ler os livros de imagens, observa-se que este universo é sem limites, onde tudo é possível. Esses livros são verdadeiras obras de arte, narrativas onde os leitores transformam as imagens em palavras.

Manguel criou categorias cujo objetivo não era inventar um método sistemático de ler imagens. Guiado por sua curiosidade escreveu o livro "Lendo imagens", para qual seu público alvo são pessoas comuns. O autor tem como intenção apresentar sua interpretação das obras de arte que aparecem em seu livro, por meio de suas categorias. Analisar por intermédio das categorias criadas por Manguel foi muito proveitoso. As categorias serviram de base para nortear a observação das narrativas imagéticas.

As imagens apresentam elementos que permitem leituras complexas. A leitura é influenciada por princípios que organizam possibilidades de representação e denotação em uma determinada cultura.

Assim como na leitura de um livro feito de palavras que cada vez que se realiza a leitura deste, novas interpretações, compreensões são feitas, no livro de imagem acontece o mesmo, a cada leitura são feitas novas descobertas, novos entendimentos.

A produção de sentidos gerados a partir da leitura tem relação com o autor, com os leitores aos quais é destinada, com os conhecimentos que a pessoa que está lendo possui, os saberes que a imagem apresenta, entre outros.

Para fazer a leitura de palavras desenvolve-se uma técnica, ou seja, é necessário ser alfabetizado. Na leitura de imagens é fundamental que haja a educação do olhar. Assim como na leitura do texto escrito, para realizar a leitura das imagens existem regras, essas são socialmente construídas e compartilhadas.

Os livros de imagem encantam crianças, jovens, enfim, pessoas de qualquer idade. Esses livros devem ser utilizados pelos educadores, pelos pais, além de estimular a imaginação, a curiosidade, exercitar a leitura de imagens os mesmos podem ser o ponto de partida para muitas leituras. As narrativas visuais promovem desenvolvimento

da oralidade das crianças, possibilita que essas inventem várias histórias a partir das imagens.

A alfabetização deveria preparar o educando para além dos saberes voltados para as letras. Portanto, o educador deve trabalhar com seus educandos uma variedade de obras, livros que apresentam linguagens diferentes. Deve usar livros com narrativas escritas e livros com narrativas imagéticas. Além dos livros de imagem analisados nesta monografia, existem outros que despertam interesse e curiosidade do leitor por meio de suas narrativas imagéticas, como: "Na garupa do meu tio", "Zoom", "Sombra", "Espelho", etc.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALVES, R. É brincando que se aprende. **Páginas Abertas**. v. 27, n. 10, 2001.
- ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez. 1984.
- BACON, Francis. **The Essays**. ed. John Pitcher, 1986.
- BARBOSA, E. **Leitura e Mídia Entre ler**, ano 1, nº 3, jun./jul. – publicação do PROLER, Casa da Leitura, Rio de Janeiro, 1995, p.6-11.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.
- CHALMEL, Loic. **Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII**. Ver. Bras. Educ. Soc. Campinas, n.86, vol.25, 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a05.pdf>> Acesso em: 22 de Jan. 2013.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortes, 1986.
- FURNARI, E. Livro Só – Imagem: Propostas de desenvolvimento de uma linguagem puramente visual. IN: GOÉS. L. P. **Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** □ 4. ed. □ São Paulo: Martins, Fontes, 1995.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.** São Paulo: Cortez, 1999.

LEE, Suzy. **Onda.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lenda imagens: uma história de amor e ódio**/Alberto Manguel; tradução de Rubens Figueiredo, RosauraEichemberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** □ 19. ed. □ São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia.** Niterói: Editora da UFF, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. **Uma história de amor sem palavras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ORLANDI, Eni. DA SILVA, Ezequiel. Melo, José. ANTÔNIO, Luiz. SOARES, Magda. PERINI, Mario. KATO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** □□ 4. ed. □ São Paulo: Ática, 1998.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa.** Rev. Bras. Educ. Curitiba, n. 27, 2006. Disponível em:<[Artigos%20mono/Educar%20em%20Revista%20%20Leitura%20de%20imagens%20e%20cultura%20visual%20%20desenredando%20conceitos%20para%20a%20pr%C3%A1tica%20educativa.htm](http://artigos.monografias.com.br/artigos/educar-em-revista-leitura-de-imagens-e-cultura-visual-desenredando-conceitos-para-a-pratica-educativa.htm)> Acesso em: 15 de Dez. 2012.

ROSSI, M. H. **Imagens que falam.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

SILVA, T. T. da.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Territórios contestados.** Petrópolis: Vozes, 1996. p. 144-158.

SPENGLER, Maria. **Livro de imagem: quando a ilustração se faz dona da palavra.** Disponível

em:<[http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/10/10\\_IBBY2010\\_27.pdf](http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/10/10_IBBY2010_27.pdf)>Acesso em: 10 de Mar. 2013.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.